



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA  
FACULDADE DE FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO CAMPO  
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO - CIÊNCIAS NATURAIS

DILCILENE RIBEIRO PANTOJA

**HISTÓRIAS DE VIDAS E FORMAÇÃO DE UMA COMUNIDADE  
CAMPONESA: O CASO DA COMUNIDADE SÃO MIGUEL DE  
MURUTINGA EM ABAETETUBA-PA**

ABAETETUBA- PARÁ

2018

DILCILENE RIBEIRO PANTOJA

**HISTÓRIAS DE VIDAS E FORMAÇÃO DE UMA COMUNIDADE  
CAMPONESA: O CASO DA COMUNIDADE SÃO MIGUEL DE  
MURUTINGA EM ABAETETUBA-PA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Pará – Campus Universitário de Abaetetuba/Pa, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura em Educação do Campo com ênfase em Ciências Naturais.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Msc. Magda Franciane Nascimento Alexandre

ABAETETUBA – PARÁ

2018

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará**  
**Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

---

- P198h PANTOJA, Dilcilene Ribeiro.  
Histórias de vidas e formação de uma comunidade camponesa : O caso da comunidade São Miguel de Murutinga / Dilcilene Ribeiro PANTOJA. — 2018.  
46 f. : il. color.
- Orientador(a): Prof<sup>ª</sup>. MSc. Magda Franciane Nascimento Alexandre  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Curso de Educação do Campo, Campus Universitário de Abaetetuba, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.
1. História oral. 2. Comunidade camponesa. 3. Educação do Campo. 4. Abaetetuba, Pará.. I. Título.

CDD 500.1

---

DILCILENE RIBEIRO PANTOJA

**HISTÓRIAS DE VIDAS E FORMAÇÃO DE UMA COMUNIDADE  
CAMPONESA: O CASO DA COMUNIDADE SÃO MIGUEL DE  
MURUTINGA EM ABAETETUBA-PA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade Federal do Pará – Campus  
Universitário de Abaetetuba/Pa, como requisito  
parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura  
em Educação do Campo com ênfase em Ciências  
Naturais.

Data da aprovação. Abaetetuba - PA: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Banca Examinadora

---

Prof. Ms. Magda Franciane Nascimento Alexandre  
Orientadora

Faculdade de Formação e Desenvolvimento do Campo-UFPA Abaetetuba

---

Profª. Dra. Laura Angélica Ferreira Darnet  
Instituto Amazônico de Agriculturas Familiares- INEAF- UFPA

---

Prof. Dr. Francinei Bentes Tavares  
Faculdade de Formação e Desenvolvimento do Campo- UFPA Abaetetuba

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, porque sem ele não conseguiria;

Aos meus pais, Rivadal e Dalcilene, que me deram força e coragem;

A minha avó Zilma, que sempre orou por mim;

A minha prima Izete, que muitas vezes me ajudou financeiramente para que continuasse os meus estudos;

As minhas orientadoras, professora Magda e Laura pela humildade e ensinamento;

Ao meu esposo Manuel, pela paciência e compreensão;

Aos meus irmãos, que sempre estiveram do meu lado me apoiando;

Aos entrevistados pelo acolhimento e troca de saberes;

A Educação do Campo, que transformou minha vida;

A todos que contribuíram direta e indiretamente.

E a todos os professores que contribuíram com os seus ensinamentos.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>2. OBJETIVOS: GERAL E ESPÉCIFICO</b> .....	9 e 10
<b>3. REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	10
3.1. A HISTÓRIA E SUA IMPORTÂNCIA.....	10
3.1.1. História Oral.....	12
3.2. O PAPEL DA IGREJA NO ESPAÇO AGRÁRIO BRASILEIRO.....	13
3.2.1. A Igreja no meio rural do Pará: Formação e luta.....	14
3.3. EDUCAÇÃO DO CAMPO: CONSTRUINDO SUJEITOS.....	15
<b>4. METODOLOGIA</b> .....	16
4.1. Entrevistas, Cronograma e Questionário.....	17
4.2. Breve contextualização do Município de Abaetetuba.....	19
4.3. Caracterização da Comunidade de Murutinga .....	19
<b>5. RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	21
5.1. O PAPEL DA IGREJA NA FORMAÇÃO DA COMUNIDADE SÃO MIGUEL DE MURUTINGA.....	21
5.1.1. Luta pela Terra.....	22
5.2. VALORES CULTURAIS, SOCIAIS E ECONÔMICOS.....	25
5.2.1. Valores Culturais.....	25
5.2.2. Valores Sociais.....	27
5.2.3. Valores Econômicos.....	28
5.3. HISTÓRICO DE FUNDAÇÃO DA COMUNIDADE SÃO MIGUEL DE MURUTINGA .....	30
5.3.1. A conquista da Imagem de São Miguel.....	33
5.3.2. A Origem do nome Murutinga.....	35
5.3.3. A construção da primeira Igreja .....	36
5.3.4. Biografia de Salvito .....	37
5.4. APRESENTAÇÃO DO HISTÓRICO DA COMUNIDADE SÃO MIGUEL DE MURUTINGA NA ESCOLA DO CAMPO PROFESSORA BENEDITA LIMA ARAÚJO E CAMINHADA HISTÓRICA.....	38
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	40
<b>7. REFERÊNCIAS</b> .....	41
<b>ANEXOS</b> .....	43

## **RESUMO**

O presente trabalho tem como base o resgate e reconstituição da história de formação da Comunidade São Miguel de Murutinga, zona rural do município de Abaetetuba Pará. O objetivo é o incentivo aos estudantes, filhos de camponeses e comunidade em geral, do local pesquisado, a conhecerem a sua própria identidade, resgatando e valorizando suas raízes, mantendo presente a memória histórica da comunidade. Partimos metodologicamente de entrevistas abertas, com a indagação do surgimento da comunidade, filmagem em vídeo, fotos e também realizou-se uma caminhada histórica. O primeiro entrevistado foi o coordenador da comunidade, que indicou a Sr<sup>a</sup>. Maria José, pessoa que teve essencial papel na fundação da comunidade junto ao seu irmão Manoel Sávio, e também foi a primeira catequista da mesma. Seguindo-se da indicação do padre Hilário Taplett, um dos fundadores da comunidade. E assim sucessivamente indicam dois senhores que foram sócios da cooperativa de arroz, um agricultor e uma professora aposentada, contemplando a metodologia bola-de-neve (Bernard, 1995) onde os entrevistados surgem aleatoriamente a partir de indicação. Os relatos apontam que a Comunidade São Miguel de Murutinga passou por momentos de intensas mobilizações desde a sua formação comunitária, com a luta pela terra, educação, com a conquista da escola municipal, assim como da energia elétrica, e a criação da cooperativa de arroz que foi fundamental para o aspecto econômico da comunidade, que passou a ser considerada uma referência e reconhecida como a 'ilustre' comunidade de Murutinga, que são considerados grandes conquistas e fonte de orgulho para os comunitários. E no momento presente as lutas continuam principalmente no aspecto econômico e organizacional com o fortalecimento da Agricultura Familiar. Portanto os resultados aqui apresentados são frutos da história oral, do reconhecimento da comunidade e de seus moradores enquanto algo de imensa importância carregado de valores e fundados na luta.

**Palavras-Chave:** História oral. Comunidade camponesa. Educação do Campo. Abaetetuba, Pará.

## **ABSTRACT**

The present work is based on the rescue and reconstitution of the formation history of the community of São Miguel de Murutinga, rural area of the municipality of Abaetetuba Pará. The objective is to encourage students, children of peasants and the community in general, of the place know their own identity, recovering and valuing their roots, keeping in mind the historical memory of the community. We start methodologically from open interviews, with the question of community emergence, video footage, photos and also a historic walk. The first interviewee was the community coordinator, who indicated Ms. Maria José, who had an essential role in the founding of the community with her brother Manoel Sávio, and was also the first catechist of the same. Following the appointment of Father Hilário Taplett, one of the founders of the community. And so, in turn, they indicate two masters who were members of the rice cooperative, a farmer and a retired teacher, contemplating the snowball methodology (Bernard, 1995) where the interviewees appear randomly from the indication. The reports indicate that the São Miguel de Murutinga Community has experienced intense mobilization since its community formation, with the struggle for land, education, the conquest of the municipal school, as well as electricity, and the creation of the rice cooperative which was fundamental for the economic aspect of the community, which came to be considered a reference and recognized as the 'illustrious' community of Murutinga, which are considered great achievements and source of pride for the community. And in the present moment the struggles continue mainly in the economic and organizational aspect with the strengthening of Family Agriculture. So the results presented here are the fruits of oral history, the recognition of the community and its residents as something of immense importance, loaded with values and founded in the struggle.

**KEY-WORDS:** Oral history. Peasant community. Field Education. Abaetetuba, Pará.

## 1. INTRODUÇÃO

A comunidade São Miguel de Murutinga começou sua organização comunitária em 1969, com a participação ativa de dois jovens, pelos padres (Zezinho Leoni, Diego Arroyo e Silva, e Hilário Tapletti), e moradores que já viviam na Localidade. E para compreender a história de formação da Comunidade São Miguel de Murutinga utilizou-se a história oral. Que segundo Selau (2011, p. 218) “é uma construção que o indivíduo faz de seu passado com base nas experiências guardadas por sua memória”. E seguindo essa ideia, buscou-se reconstruir a história da Comunidade de Murutinga, afim de que os moradores conheçam a história do passado da comunidade a qual estão inseridos, o processo de organização e lutas, e assim valorizar suas raízes. Ou seja, é um método de pesquisa, que pode ser empregado por diferentes áreas do conhecimento, mas é comumente utilizado pelos historiadores, para investigar um fato ou acontecimento do passado.

E um dos principais problemas da comunidade de Murutinga é o desconhecimento de sua própria identidade, ou seja, a maioria dos jovens de hoje não conhece suas raízes, a história de formação da comunidade e muito menos que um dia existiu uma cooperativa de arroz que beneficiava os agricultores. Observando esse problema, nasce à ideia de investigar e registrar a história de criação e luta da comunidade São Miguel de Murutinga, com intuito de valorização e reconhecimento das raízes históricas deste local e de seus moradores.

E para a reconstrução dessa história foi preciso recorrer as memórias de sujeitos que contribuíram no passado no processo de formação e lutas por um avanço comunitário e uma sociedade capaz de conhecer e lutar pelos seus direitos. Então se ver a importância da história oral em resgatar as lembranças do passado, para manter uma história viva no presente. A autora Ferreira (2002, p. 325) relata em seu artigo o grande interesse da sociedade contemporânea em recuperar a memória, uma vez que, com o aumento da capacidade de esquecer, pode ocasionar a perda do sentido do passado.

Preservar a memória é fundamental para a reconstrução histórica, como afirma o autor Costa (2007, p. 4) “sem memória, não há história”. Portanto, achou-se necessário utilizar a história oral como metodologia da pesquisa, reconhecendo o seu valor para a reconstrução da história, através da coleta de informações, para se chegar a um resultado satisfatório, e assim levar a história à sociedade contemporânea.

## 2. OBJETIVOS

## 2.1 OBJETIVO GERAL

Investigar a história de criação e luta da Comunidade São Miguel de Murutinga e registrar em documento escrito e em vídeo o resgate histórico de sua formação.

## 2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Caracterizar o papel da igreja na formação da comunidade Murutinga;
- Descrever a luta para obtenção da terra;
- Descrever os valores culturais, sociais e econômicos presentes na história do Murutinga;
- Resgate, valorização e reconhecimento das raízes históricas da comunidade.

## 3. REFERENCIAL TEÓRICO

### 3.1 A HISTÓRIA E SUA IMPORTÂNCIA

Le Goff (1992) vem dizer que “a palavra história vem do grego antigo *historie*”, pois, retrata-se do grego Herodoto o pai da historia<sup>1</sup>. Em seu livro *Historia e Memoria*, Le Goff (1992, p. 17) aponta “seis problemas que o conceito historia pode trazer [...]”, e um desses problemas é a “[...] relação da historia com o tempo natural”. Que faz lembrar o filme narradores de Jave<sup>2</sup>, onde os moradores dessa comunidade dependem da historia oral para fazer um registro científico da historia que estavam guardadas na memoria dos moradores, e assim torna-la um patrimônio cultural, garantindo sua preservação.

O filme acima referenciado se tornou muito importante para os moradores que tinham uma ligação afetiva com aquele lugar, e que eram os principais interessados em registrar a suas memorias, em razão de terem construído uma identidade e uma cultura ligada a realidade vivenciada no Vale. E para realizar esta tarefa precisaram de alguém para ouvi-los e escrever. Então surge um carteiro chamado Pedro Bial, que realiza esse registro. Mas Pedro Bial insere algumas modificações na historia. O que causa revolta aos narradores de Javé, que preferiam a historia do jeito que está sendo narrada, sem ficções. No entanto, Pedro Bial não entendia a

---

<sup>1</sup> Heródoto – historiador grego, conhecido como pai da historia, pelo seu instinto de fazer pesquisa e investigação (Revista de Historia, nº 49 janeiro-março, 1962 – Vol. XXIV – Ano XIII - CONFERENCIA).

<sup>2</sup> Narradores de Javé é um filme de Eliane Caffé – retrata a memoria do Vale de Javé – A historia oral e a escrita.

importância dessa história, até que aconteceu o que os moradores temiam, perderam o Vale de Javé. Foi aí que Pedro Bial, entendeu, pois agora fez parte de uma história. Com isso entende-se que o sujeito para dar valor as histórias, tem que está imerso, para compreender o sentido da história.

Seguindo essa ideia, observa-se que a história é importante, pois remonta o passado no presente, assim seguindo a ideia de Croce (1953) ao lembrar o passado, estamos em construção e reinterpretando-o no presente, pois se pode imaginar e trazer nossa própria conclusão sobre determinada história, como se tivesse vivendo o passado no presente.

Sobre essa mesma ideia, corrobora com o pensamento de Almeida (2010, p. 4), quando retrata que:

[...] o passado, quando recrutado pela memória, não se presentifica senão pela imputação de sentidos que vêm sempre depois dos acontecimentos, justamente quando o sujeito reapresenta a si próprio o domínio do vivido. O que dizemos sobre o que fizemos é sempre mais, ou menos, do que aquilo que fizemos.

Perante esta fala de Almeida, compreende-se melhor que o passado, ao ser revivido ou lembrado no presente, dificilmente será do mesmo modo como aconteceu, sempre faltará fragmentos ou aumentará. A memória, assim com a vida, assim como o tempo, passa por constantes mudanças, não se tem as mesmas coisas, pode-se haver poucas diferenças, mas sempre existirá um detalhe de mudança.

Assim, compreende-se esta questão, também através da letra de música de Lulu Santos e Nelson Mota (1983), quando diz: “Nada do que foi será/ De novo do jeito que já foi um dia/ Tudo passa, tudo sempre passará [...]”. Então, toda memória ou história retratada no presente, apesar de, na maioria das vezes vir com transformações, é de suma importância, pois conhecemos fatos surpreendentes, desvendamos belas histórias que podem vir a nos surpreender.

Para Le Goff (1992), toda história vem ser contemporânea, conforme o passado for apreendido no presente, não sendo somente inevitável como também legítimo, já que a história é duração, sendo o passado ao mesmo tempo passado e presente.

Contar história, ouvir história, reavivar memória é sentir-se imerso no passado e mostrar uma importância no presente. O passado não é para ser esquecido, pois até mesmo as lembranças mais árduas nos ensinam. Relembrar o passado, é tirar nossas conclusões e usá-las conforme o presente, não é repetir, “mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado” (BOSI, 1994, p. 55). Este mesmo autor ressalta que,

O passado conserva-se e, além de conservar-se, atua no presente, mas não de forma homogênea. De um lado, o corpo guarda esquemas de comportamento de que se vale muitas vezes automaticamente na sua ação sobre as coisas: trata-se da memória-hábito, memória dos mecanismos motores. De outro lado, ocorrem lembranças independentes de quaisquer hábitos: lembranças isoladas, singulares, que constituíram autênticas ressurreições do passado (BOSI, 1994, p. 48).

Relembrar nos traz para o presente inúmeros sentidos, inúmeros comportamentos e transformações. As vezes podemos lembrar de um passado imenso, outras vezes apenas algumas recordações. Pois “a memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento. Frequentemente, as mais vivas recordações afloram depois da entrevista, na hora do cafezinho, na escola, no jardim, ou na despedida no portão” (BOSI, 1994).

Por isso que, quem pretende ouvir história, tem sempre que ter a humildade e paciência de escutar, pois as lembranças vão fluindo com o tempo, “lembrança puxa lembrança e seria preciso um escutador infinito” (BOSI, 1994, p. 39).

No entanto, como já pode-se perceber no decorrer de citações desses respectivos autores, a memória está ligada a história, a história existe porque a memória existe. Perante esse tópico, podemos trazer à tona, a ideia de COSTA (2007), cujo este, faz uma pequena relação entre História e memória, dizendo que “sem memória não há história” e “sem a memória, não havia estudo, nem conhecimento, muito menos razão”.

Para Le Goff (1924, p. 20), a história representa-se como a ciência do passado, ou seja, é saber que o objeto da história é o respectivo passado, reconstruindo-se e repondo-se em causa.

Então se a história é importante, a memória também vem a ser, já que ambas se completam, concordando assim com Costa (2007) quando relata que “sem memória, hoje, nossa civilização caminha desnorreada, pois não conhece seu passado, não tem consciência em seu presente, e não projeta perspectiva no futuro”.

### 3.1.1 História oral

Como foi discutido no tópico acima, sobre a história e sua importância, em que história também é memória, e vice-versa; trazemos agora um método que vem a ser muito importante e útil nesse contexto, pois através deste, se tem acesso a memória, a uma vida ou um acontecimento passado, e que queremos relembrar no presente. Este método designa como *História oral*.

Sobre esse termo, as autoras Silva. K. e Silva M. (2006) abordam que no século XX foi um período em que ocorreram constantes mudanças, sendo que uma delas foi a História ter sido transformada pela tecnologia, no qual traz em cena a utilização de gravador como sendo um instrumento, cujo o mesmo produz a história oral, em que é uma metodologia histórica que tende a trabalhar com depoimentos orais, através de entrevistas, que partindo da mesma, o historiador constrói suas respectivas análises.

Conforme, o autor Selau (2004, p. 221), entende-se por história oral como sendo uma metodologia que contribui para análise das memórias por meio de entrevistas que são realizadas a partir dos temas que são do interesse da pesquisa do historiador.

O método da história oral é útil para quem pretende fazer estudo sobre história-memória por exemplo; pois pode-se encontrar inúmeros assuntos a partir de uma única temática, pode-se relembrar e reavivar histórias passadas, como fundação de comunidades, tradições rurais, etc. O entrevistado fica livre para contar suas histórias, é como uma conversa comum, em que o entrevistado não fica se sentindo num interrogatório, não fica limitado a muitas às perguntas. Mas o entrevistador, precisa ser paciente para ouvir, não deve ficar ou estar ansioso, para não “atropelar a conversa”, pois assim o entrevistado pode-se sentir constrangido, aborrecido e enfim, a entrevista poderá não ser como esperávamos.

Trabalhar com História Oral é, sobretudo, não querer uma história totalizante a partir dos depoimentos; tão pouco provar uma verdade absoluta. É dar espaço aos sujeitos anônimos da História na produção e divulgação dessa, procurando articular suas narrativas aos contextos e elementos do(s) objeto(s) em pesquisa (SILVEIRA, 2007, p. 41).

Por isso, recomenda-se que antes de fazer qualquer entrevista em pesquisa de campo, o pesquisador realize leituras bibliográficas, busque por referências que trabalhem as metodologias que se pretende usar, não somente para saber como entrevistar, mas também para ter um maior conhecimento sobre a temática que está sendo abordada.

Segundo Silveira (2007, p. 39), “a entrevista se configura como principal instrumento (ou técnica) do método de história oral. Para realizá-la, não há uma única receita ou diretriz”. Assim, pode-se ver que realmente a importância de leituras é bastante viável, para saber como utilizar essas técnicas.

### 3.2 O PAPEL DA IGREJA NO ESPAÇO AGRÁRIO BRASILEIRO

Houve época, aproximadamente na década de 60 e 70, em que povos do campo, como indígenas, posseiros etc., passaram por um certo conflito, em que eram expulsos de suas terras, eram assassinados e escravizados por empresários. Nesse período, a igreja também vem ser atingida em alguns aspectos. Assim como pode-se observar na fala de (POLETTI; CANUTO, 2002, p. 30).

Havia uma situação de sufoco geral. A repressão que já vinha pegando lavradores começou a atingir os próprios agentes de pastoral, inclusive bispos, como Dom Pedro Casaldáliga. A ditadura tinha uma política equivocada da terra, de favorecimento do grande capital na Amazônia, que foi comprando pelo mapa enormes extensões de terras na mão dos governadores. Em seguida, eram os conflitos com as populações indígenas e camponesas e a devastação da floresta para a criação de gado.

A igreja católica, perante tais conflitos, começa a buscar formas para amparar esses sujeitos, começando a criar a CPT (Comissão Pastoral de Terras), sendo esta vinculada à CNBB (Conferência Nacional de Bispos do Brasil), afim de, segundo Martins (1984) se posicionar para defender a humanidade que se encontrava confrontada.

A igreja atuava, juntamente com o povo, fazendo celebrações, romaria da terra, invocavam Deus para participar das lutas com eles, como podemos observar na fala de Figueira (1980, p. 8) em sua ordenação sacerdotal:

Deito-me de bruços no piso frio da igreja, enquanto se reza a ladainha preparada por Dom Pedro Casaldáliga, bispo de São Felix do Araguaia: “Índios, peões, vaqueiros e garimpeiros, pais e mães de família, jovens e crianças que morrestes na paz do Senhor por estes sertões e matas; João Bosco, Rodolfo, Simão Borro, Raimundo, o Gringo, Dom Romero, Santo Dias, e todos os mártires da causa do Povo, que soubestes enfrentar a injustiça e amar os irmãos até a morte”. [...] A procissão do ofertório começa com os representantes das comunidades que vivem um compromisso religioso e social. João Canuto traz um mamão, Manuel Gago, de São Geraldo, a enxada, Belchior, o machado, Sinhozinho, uma chave de fenda. Instrumentos de trabalho e frutos da terra. Outros trazem a Bíblia, telha, esquadro, remo de pescador, livro, giz, candeia, pão e vinho. O índio Cantídio, tapirapé, que veio em nome da Prelazia de São Felix do Araguaia, carregava uma maracá e um pequeno banco de madeira, com valor ritual. Enquanto isso, Expedito, poeta mineiro, negro, magro, declama um longo poema feito para a ocasião.

Então, o papel da igreja no espaço agrário brasileiro, foi lutar a favor do povo do campo, contribuindo para os direitos dos mesmos, afim de amenizar os conflitos existentes nesse período.

### 3.2.1 A igreja no meio rural do Pará: formação e luta

As igrejas começaram a se disseminar no meio rural como responsáveis pelas formações das comunidades, principalmente a partir da criação de Comunidades Eclesiais de Bases (CEBs) pertencentes à igreja católica, passando a ter uma melhor organização da mesma.

A igreja católica contribuiu bastante para o povo, perante as lutas dos mesmos e os conflitos existentes na década de 70 e 80, na questão de terras que empresários roubavam. Martins (1989, p. 59), diz que “ambos os lados, da Igreja e ‘do povo’, existem a tentativa recíproca de apropriação da fala do outro e da força do outro”. Então observa-se que ambos unem-se em buscas de seus direitos, lutando por uma mesma causa.

Perante os conflitos que existiam, em que posseiros eram perseguidos, expulsos de suas terras, a igreja católica sempre intervinha como apoio para/com esses camponeses.

A prática política da Igreja deu-se em virtude de fatores de ordem social, política e interna à própria Igreja. Ela não é uma ilha. O seu corporativismo foi-se mantendo, se modificando ou redefinindo pela mediação de processos da sociedade da qual ela faz parte (PEREIRA, 2008, p. 106).

Tais conflitos se davam principalmente pelas lutas de posse pela terra. “Na Amazônia houve proximidade entre a visão de Igreja católica progressista e os trabalhadores rurais em luta pela posse da terra” (PEREIRA, 2008, p. 114). A igreja, em todo momento, se posicionava a favor daqueles que tinham seus direitos violados.

### 3.3 EDUCAÇÃO DO CAMPO: CONSTRUINDO SUJEITOS

Santos (2011, p. 3) faz uma comparação entre a importância de uma educação de qualidade e uma construção de uma casa, onde em nossas vidas tudo que construímos perpassa por uma base. No início de “qualquer tipo de construção: casa, prédio, edifício [...] nossa preocupação primeira é com a base. É somente a partir de uma base organizada, sólida, seja numa categoria, seja numa associação, grupo religioso ou qualquer outro segmento, é que obtemos uma estrutura de qualidade, forte”. E para se ter uma estrutura de qualidade, é importante a educação; e como forma de incluir o povo do campo nesse direito que antes era negado à eles, entra em cena a Educação do Campo.

Educação é um direito social e não uma questão de mercado. A educação enquanto organizadora e produtora da cultura de um povo e produzida por uma cultura - a cultura do campo - não pode permanecer seguindo a lógica da exclusão do direito à educação de qualidade para todos e todas (Santos, 2011, p. 10).

A educação do campo foi concebida através de muitas lutas dos povos do campo a partir dos movimentos sociais, pois eles não tinham acesso ao estudo, no qual o mesmo atendia apenas as classes consideradas mais altas (classes dominantes); e os camponeses, índios, negros e mulheres, eram excluídos.

Desde a criação da “Primeira Lei geral de Educação no Brasil, de 15 de outubro de 1824 que dispunha sobre a educação no Brasil, os habitantes do meio rural estiveram relegados à marginalidade, no tocante à construção de planos educacionais que fossem condizentes com sua realidade e modo de vida [...]” (FILHO, et al, p. 3). Então a partir das lutas, foi possível conseguir as escolas no campo para atender àquelas pessoas que não tinham facilidade nem oportunidade de se locomover e estudar na cidade.

A educação recria o campo, porque por meio dela se renovam os valores, atitudes, conhecimentos e práticas de pertença a terra. Ela instiga a recriação da identidade dos sujeitos na luta e em luta como um direito social, porque possibilita a reflexão na práxis da vida e da organização social do campo, buscando entre o campo e cidade, seja nas formas de poder, de gestão das políticas, de produção econômica e de conhecimento (SANTOS, 2011, p. 11).

Assim, a Educação do Campo passou a formar sujeitos do campo, dando oportunidade a essas pessoas de conquistarem seus sonhos, dentre eles uma vaga na universidade, o que há muito lhes era negado. E foi a partir da Educação do campo que instiga a construção da própria identidade, e o desejo de contribuir mais com o lugar em que vivemos.

#### **4. METODOLOGIA: OS CAMINHOS DA PESQUISA**

Os caminhos trilhados, para a realização deste trabalho se deu a partir de julho/ 2014, quanto iniciei o curso de Educação do Campo, que proporcionou o tempo comunidade, que é o tempo de estudo fora da sala de aula. São realizadas pesquisas nas comunidades, com temas propostos pelos professores. A partir daí, nasceu a curiosidade de conhecer mais a minha Comunidade. E através das pesquisas, pude construir a minha própria identidade.

Utilizou-se consulta a fontes secundárias referentes a temática através da revisão bibliográfica sobre o tema em estudo. Sendo utilizada a pesquisa qualitativa, que segundo Biklen e Bogdan (1994, p. 83-84),

Não se trata de negar a existência do plano, mas em investigação qualitativa trata-se de um plano flexível. Os investigadores qualitativos partem para um estudo munidos dos seus conhecimentos e da sua experiência, com hipóteses formuladas com o único objetivo de serem modificadas e reformuladas à medida que vão avançando.

O objeto de estudo foi a História de formação da Comunidade São Miguel de Murutinga. Para o desenvolvimento da pesquisa foram realizadas entrevistas com sete pessoas, com aplicação de questionários abertos, filmagem, fotografias, e produção de um vídeo da entrevista com o padre Hilário Tapletti. Após a conclusão da coleta de dados, passou-se a transcrever as entrevistas e analisar os resultados em geral e a finalização com a construção do trabalho de conclusão de curso.

A pesquisa do tipo qualitativa se justifica “por esse tipo de entrevista permitir captar o lado mais profundo das informações em que não só os aspectos de ordem cognitiva estão presentes, mas também aspectos da afetividade” (FAGUNDES, 2006, p. 31). Como a percepção das experiências vividas pelos entrevistados, analisando a importância dos valores presentes nas entrevistas, assim as crenças que define a identidade do sujeito. Complementando este autor Chizzotti aponta que os “conceitos manifestos, as experiências relatadas ocupam o centro de referência das análises e interpretações, na pesquisa qualitativa”, pois a busca pela compreensão da “experiência que os sujeitos têm, as representações que formam e os conceitos que elaboram” (CHIZZOTTI, 1995, p. 85).

A metodologia utilizada foi a da bola-de-neve, que segundo Peterson (2005, p. 7) em citação a Bernard (1995) “consiste na identificação pelo pesquisador de um ou mais indivíduos que possam ser entrevistados e que estes nomeiem outras pessoas da localidade de estudo que possam ser entrevistadas”. Nesta pesquisa os entrevistados indicavam outras pessoas que tinham informação a respeito do tema em investigação, e assim foi surgindo outros entrevistados. Encerraram-se, as entrevistas no momento que os dados coletados começaram a se repetir, saturando as informações para a realização do trabalho. As entrevistas foram realizadas individualmente, em diferentes locais (residências, propriedades agrícolas, comunidade vizinha e no Centro de formação Laranjal-Abetetuba/PA). E em datas diferentes, com início em novembro de 2014, e fim em agosto de 2018.

Foi utilizado o diário de campo, com intuito de registrar as informações observadas diretamente no local de pesquisa. Para Reis (2015, p. 82) existe uma interação essencial entre o pesquisador e os sujeitos de investigação, pois estabelecem-se “relações pessoais e intersubjetivas entre sujeitos-objetos, visando ao estabelecimento de conexões e mediações que favorecessem o confronto da realidade concreta como os pressupostos teóricos da pesquisa”.

#### 4.1 ENTREVISTAS, CRONOGRAMA E QUESTIONÁRIOS

O primeiro passo tomado foi decidir as perguntas para o questionário. Iniciou-se indagando como surgiu a Comunidade São Miguel de Murutinga?. As entrevistas foram realizadas em novembro de 2014 na comunidade pesquisada. Inicialmente procurei o coordenador da comunidade, Sr. R., e solicitei sua contribuição em relação ao assunto, o qual em entrevista relatou um breve histórico, e logo indicou a sr.<sup>a</sup> Maria José, apontando-a como uma pessoa que me ajudaria a esclarecer essas dúvidas, por ter sido a primeira catequista da comunidade, e ter contribuído na fundação da mesma. A partir das informações coletadas, e em janeiro de 2015, achou-se necessário visitar o centro de formação Laranjal-Abacetuba/PA, para investigar outro informante citado O sr. Hilário Taplett que citou os responsáveis pela cooperativa existente na comunidade na década 1980. O Sr. M. o qual foi entrevistado em abril de 2015 na sua residência na comunidade de Colônia Nova. No período de maio à junho do mesmo ano retoma-se a pesquisa na comunidade do Murutinga, na propriedade de dois agricultores Sr. S. e Sr. P. considerados um dos moradores mais antigos que não deixaram de realizar suas atividades agrícolas. Seguindo-se a pesquisa na residência da professora aposentada Sr.<sup>a</sup> N., por esse histórico sobre a educação. Em agosto de 2018 achou-se necessário retornar na residência da informante chave Sr.<sup>a</sup> Maria José, por ter papel fundamental na fundação da comunidade.

No quadro abaixo demonstramos o cronograma de pesquisa com os entrevistados.

Quadro 1: Cronograma de Pesquisa com os entrevistados.

MÊS/ANO	ENTREVISTADOS Nome/ Sigla	IDADE	SEXO	EST. CIVIL	COMUNIDADE	ORDEM DO INF.
Nov/ 2014	R.	44	M	Casado	Murutinga	Inf. chave 1
Nov/ 2014	Maria José Rodrigues	72	F	Casada	Murutinga	Inf. chave 2
Janeiro/ 2015	P. Hilário Tapletti	84	M	Celib.	Tomé-Açú	Inf. chave 3
Abril/2015	M.	65	M	Casado	Colônia Nova	Inf. chave 4
Mai/ 2015	S.	65	M	Casado	Murutinga	Inf. chave 5
Junho/2015	P.	76	M	Casado	Murutinga	Inf. chave 6
Mai. à Jun./2015	N.	60	F	Casada	Murutinga	Inf. chave 7
Agosto/ 2018	Maria José		F	Casada	Murutinga	Inf. chave 2

Fonte: Pesquisa de Campo 2014 à 2018.

Após a conclusão da coleta de dados, passou-se a transcrever as entrevistas e analisar os resultados em geral e a finalização com a construção do trabalho de conclusão de curso. Para Franco (2012, p. 21) a análise de conteúdos tem seu ponto de partida na mensagem repassada, “seja ela verbal (oral ou escrita), gestual, silenciosa, figurativa, documental ou

diretamente provocada”. Considerações necessárias aos pesquisadores, para que não se percam e olhem mais a fundo a realidade que se busca compreender.

#### 4. 2 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE ABAETETUBA

Na figura 1 apresentamos o município de Abaetetuba<sup>3</sup> se situa no Estado do Pará, as margens do Rio Tocantins está localizada a uma distância de 122 km da capital Belém, a população estimada é de aproximadamente 150.000 habitantes. Foi fundada em 1724 por Francisco de Azevedo Monteiro, a padroeira do município é a Nossa Senhora da Conceição. Abaetetuba faz parte do Território do Baixo Tocantins, que segundo Reis (2015, p. 91) “é um espaço de múltiplos fenômenos físicos, sociais, econômicos, políticos, culturais e ambientais, integrante de um sistema complexo, composto por áreas de várzea (ilhas) e terras firmes, caracterizadas por uma extensa relação da população com o meio natural”.

As figuras abaixo mostram a localização do estado do Pará e o município de Abaetetuba.



Figura 1: Mapa Pará-Brasil.  
Fonte: Google maps. Acesso em 28/08/2018



Figura 2: localização de Abaetetuba no Pará, destacado com uma bolinha vermelha – Fonte: Google maps. Acesso em: 28/08/2018

Hoje o município de Abaetetuba é reconhecido em todo estado por seu aspecto cultural e artístico, que abrange a música, literatura, teatro, danças folclóricas, artesanato destacando-se dentro deste o brinquedo de Miriti, tradicional em todas as comemorações do Círio de Nazaré em Belém, evento com repercussão internacional, considerada como uma das mais expressivas manifestações do artesanato e fé brasileira.

#### 4. 3 CARACTERIZAÇÃO DA COMUNIDADE DE MURUTINGA

<sup>3</sup> Disponível em: Abaetetuba. Pa.gov.br. Acesso em novembro de 2017.

A Comunidade de São Miguel de Murutinga se situa no município de Abaetetuba Pará está localizada na rodovia PA 151, km 55/ zona rural, com uma distância de 17 km da zona urbana, residem aproximadamente 300 famílias.

Figura 3: Mostra a localização da comunidade de Murutinga



Fonte: Google Maps. Acesso 28/08/2018.

É uma comunidade camponesa cujos comunitários desenvolvem diferentes atividades, são: professores, trabalhadores de empresas privadas, diaristas, os agricultores que vivem principalmente da produção agrícola, cuja produção está pautada nas plantações de mandioca (para fabricação de farinha) em consórcio com outros cultivos, como milho, maxixe, sendo esses cultivos os principais responsáveis pela garantia de subsistência de muitas famílias nesta localidade.

Nos aspectos estruturais e organizacionais, a comunidade dispõe de Pastoral Social, Associação Comunitária, Unidade Básica de Saúde, Agentes Comunitários de Saúde, Escolas Municipal e Estadual, água encanada e energia elétrica, dois campos de futebol e 3 igrejas (católica, evangélicas). E no que se refere aos aspectos ambientais ainda dispõe de uma grande parte de área verde onde predominam árvores frutíferas como: cupuaçuzeiro, pupunheiras, castanheiras, miritizeiros, mangueiras, pequiazeiros, entre outros. Em contraposição uma outra parte de área foi desmatada para construção de rodovias, ramais, casas, campos de futebol, igrejas, escolas, roças, fazendas inativas e áreas que estão sendo reaproveitadas para agricultura. A caracterização do solo é arenoso, húmifero e argiloso, os igarapés já não são como antes devido os impactos ambientais provenientes de derrubadas e queimadas.

O enfraquecimento da agricultura familiar também é um dos problemas que a comunidade enfrenta. E hoje para fortalecer a agricultura familiar na comunidade de Murutinga, um grupo de agricultores junto a estudantes universitárias e de escolas do campo

enfrentam desafios diários desde o ano de 2014, se organizando, e com muita luta vem desenvolvendo atividades produtivas diversas como a construção do viveiro de mudas com diversas espécies de plantas frutíferas com objetivo de reflorestar as nascentes de igarapés e aumentar a produção agrícola, assim como, incentivar outros agricultores, visando o benefício da comunidade como um todo.

## **5. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os resultados aqui apresentados foram obtidos ao decorrer das pesquisas realizadas, através dos relatos históricos dos entrevistados e das leituras realizadas sobre as temáticas.

### **5.1 O PAPEL DA IGREJA NA FORMAÇÃO DA COMUNIDADE SÃO MIGUEL DE MURUTINGA**

A Igreja teve um papel fundamental para a formação da Comunidade São Miguel de Murutinga, foi ela quem ajudou os jovens Manoel Sávio Rodrigues (conhecido por Salvito) e sua irmã Maria José Rodrigues, na organização da Comunidade, começando com a Educação que foi a base para o início da fundação da comunidade. A igreja se responsabilizou em contratar professoras da cidade e levar até o campo, para ensinar as crianças a ler e escrever, pois elas seriam o futuro dessa comunidade e sem a Educação seria impossível catequizar as crianças, por isso a igreja se empenhou pela Educação na comunidade.

Assim também a Igreja foi responsável pela formação dos jovens fundadores da comunidade, onde participaram de encontros de formação, na Paróquia Nossa Senhora da Conceição em Abaetetuba. Pois, os jovens seriam os multiplicadores de conhecimentos para sua comunidade. Nessa época o responsável pela diocese de Abaetetuba era o Bispo D. Ângelo Frosi, onde o mesmo ungiu os jovens Salvito Rodrigues e Maria José Rodrigues, aptos a catequizar e realizar cultos dominicais na Comunidade.

Assim a igreja teve um papel fundamental nos aspectos culturais, sociais e econômicos, e na construção da religiosidade local, que foi regida inicialmente como uma comunidade cristã, que entende-se como ligada ao amor a Deus, que anuncia a palavra de Deus e testemunha na prática, concretizando com o que se chama fé e obra. Assim a Igreja cumprem o papel de formar as Comunidades Eclesiais de Base.

As Comunidades Eclesiais de Base são grupos de leigos que se formam, via de regra, nos meios mais pobres, quer no interior, quer na periferia das cidades, para refletir sobre a vida a partir da leitura da Bíblia. O local onde esse grupo se reúne não é importante a princípio, mas posteriormente se transforma em templo de celebrações dominicais e sede de todos os trabalhos que o grupo pretenda realizar (BARBOSA, 2007, p. 79).

Uma das características que destaco nas Comunidades Eclesiais de Base era a função de fortalecer as comunidades. Onde o objetivo da igreja é transformar os cidadãos leigos em conhecedores de seus direitos, capazes de lutar em favor comunitário. Pois é dessa forma que as Comunidades, foram se formando, com o esforço da Igreja e com a força de vontade das pessoas das localidades que se doam em favor do bem comum.

### **5.1.1 Luta Pela Terra**

Iniciamos este importante registro da história de luta pela terra, com uma família camponesa que vivenciou na pele essa realidade desde a década de 50. Segundo os relatos de dona Maria José, por volta da década de 70 e 80, no auge da formação das Comunidades Eclesiais de Base no município de Abaetetuba, houve um movimento chamado Comissão Pastoral da Terra - CPT, o qual mobilizou Igrejas, sindicatos, comunidades e políticos. O objetivo era lutar pelos direitos dos Camponeses que viviam uma época de conflitos e sem apoio.

Esse movimento foi a nível regional, abrangeu as comunidades do município de Abaetetuba, e a Igreja Católica foi a responsável, a qual mobilizou muitas das comunidades próximas. O objetivo dessa mobilização era apoiar os camponeses que se sentiam inseguros, e sem ferramentas para o trabalho, e orienta-los para saber como se defender dos latifundiários, assim como a garantia do direito desses camponeses. Nessa mesma época, outros municípios também se organizavam.

Os direitos discutidos foram: a titulação de terras, ferramentas de trabalhos, preços dos produtos, salários justos aos camponeses contratados, não migrar e nem vender suas terras. E assim garantir um futuro melhor e digno, preservando a natureza, permanecer nos campos, garantindo a sustentabilidade e geração de renda. Autores como (PEREIRA, 2013, p. 167) aponta esses objetivos e discussões realizadas pela igreja junto às populações do campo como essenciais à manutenção dos camponeses.

No início da década de 1970, agentes de pastorais, padres, freiras e bispos da Igreja Católica de diversas regiões do Brasil, colocando em prática as orientações do

Concílio Vaticano II (1962-1965) e da Conferência do Episcopado Latino-Americano, de Medellín (1968), já vinham prestando diversos serviços com teor políticopedagógico junto às populações do campo, como educação sindical, saúde popular, direitos sociais e trabalhistas, cooperativismo e outros.

A Comunidade São Miguel de Murutinga estava em auge de sua formação e teve participação nesse movimento. Assim afirma a sr<sup>a</sup> Maria José (maio/junho 2015), *“houve um movimento da Pastoral da Terra, que foi organizado na cidade de Abaetetuba, que mobilizou todas as comunidades vizinhas, eu e meu irmão Salvito representamos a nossa comunidade São Miguel de Murutinga”*.

Os camponeses viviam inseguros rodeados por latifundiários, e a preocupação dos camponeses, era à entrada dos latifundiários na comunidade.

*Estávamos preocupados de perder o nosso pedaço de chão aqui no Murutinga, assim como perdemos lá na Vila da Cachaça onde morava, foi aí que soubemos desse movimento, que estavam convidando representantes das comunidades para participar da luta pela terra (informação verbal Sr<sup>a</sup>. Maria José, maio/junho, 2015).*

Pois uma das grandes dificuldades que essa família enfrentou, foi deixar sua terra na Vila da cachaça, localidade onde moravam na década de 50. Vila da cachaça era uma localidade as margens do rio Abaete, tinha um grande fluxo de pessoas devido o acesso pelo rio Abaeté que levava o camponês de canoa até a cidade de Abaetetuba.

*O latifundiário tinha grilado documento de partes de nossas terras, e eu me pergunto como ele conseguiu se meu pai não tinha vendido nada pra ele. Ele já era dono das terras da direita e da esquerda, e nós ficamos encurralados, tentamos resistir mais não adiantou, nós ia perder de qualquer jeito, não tinha quem nos defendesse e então fomos obrigado a deixar nossas terras por um preço muito baixo” (informação verbal Sr<sup>a</sup>. Maria José, maio/junho, 2015).*

Entretanto, essa mobilização, criada pela igreja, reuniu sindicatos, políticos e comunidades do campo, na sede de festa do Tartarugão, localizado na Rua Santos Dumont, Abaetetuba-PA. Nesses encontros os camponeses colocaram os seus problemas, onde foram debatidos e encaminhados para a Prefeitura de Abaetetuba. Além das reuniões, houve passeatas pelas ruas da cidade com músicas, faixas, bandeiras e musicas. Alguns trechos de musicas citados na entrevista, pela Sr.<sup>a</sup> Maria José:

*Agora nós vamos pra luta, nós somos pequenos demais, a terra é pra quem trabalha, história não falha nós vamos ganhar, já chega de tanto esperar, já chega de tanto sofrer, a luta vai ser bem difícil na lei ou na marra nós vamos ganhar” [...]*  
*“Só tenho enxada e um título de eleitor para votar no seu fulano educado, que nada*

*fez pelo pobre agricultor, que não tem terra para fazer o seu roçado”, “[...] o mundo está cheio, precisando dessa luta de jornada, porque tem poucos com muito e muitos sem nada (informação verbal Sr.<sup>a</sup> Maria José, maio/junho, 2015).*

Esse movimento aconteceu, com o objetivo de chamar atenção das autoridades para dar suporte aos camponeses, defendendo e garantindo os seus direitos. Na Comunidade São Miguel de Murutinga, alguns camponeses tinham apenas o recibo de compra e venda de terra, e a partir dessa mobilização a prefeitura viabilizou os títulos das terras, assim como as ferramentas de trabalho.

Contudo todas as comunidades do município de Abaetetuba foram beneficiada com essa luta. Muitos camponeses conseguiram a titulação das terras, ferramentas para o trabalho, preços justos para comercialização dos seus produtos, e a conscientização das famílias a não venderem suas terras, não migrarem e a denunciar qualquer tipo de ameaça. Então os camponeses passaram a cultivar sem medo de perder a terra, pois já não estavam mais sozinhos e tinham uma comissão que os defendiam. A Sr.<sup>a</sup> Maria José diz: *“A nossa Luta Valeu a pena, somos vencedores!”* (informação verbal, maio/junho, 2015). A partir desses relatos compreendemos a importância da união entre esses agricultores para alcançar objetivos comuns. Segundo (WANDERLEY, 1996, p. 11).

Uma das dimensões mais importantes das lutas dos camponeses brasileiros está centrada no esforço para constituir um “território” familiar, um lugar de vida e de trabalho, capaz de guardar a memória da família e de reproduzi-la para as gerações posteriores.

Portanto, essa é uma característica que me chama atenção nos camponeses, podemos dizer que as lutas não são aleatórias e não estão focadas apenas na luta pela terra e sim em uma luta onde está concentrada na construção de um território que podemos dizer comunidade camponesa, onde podem viver em sociedade, garantindo os seus direitos, podem construir sua família e guardar as suas histórias de lutas e repassar para as gerações futuras como forma de orgulho e incentivo para os que não conhecem.

Para Wanderley (1996, p. 4) é necessário no enfrentamento do presente “presente e preparar o futuro, o agricultor camponês recorre ao passado, que lhe permite construir um saber tradicional, transmissível aos filhos e justificar as decisões referentes à alocação dos recursos, especialmente do trabalho familiar, bem como a maneira como deverá diferir no tempo, o consumo da família. O campesinato tem, pois, uma cultura própria, que se refere a uma tradição, inspiradora, entre outras, das regras de parentesco, de herança e das formas de vida local etc.”

## 5.2. VALORES CULTURAIS, SOCIAIS E ECONÔMICOS

### 5.2.1 Valores Culturais

Consideram-se cultura todos os aspectos de costumes e crenças de uma determinada população, engloba as histórias e linguagens, assim como os hábitos diários, seja de comunidade, cidade ou país, (Brayner, 2012). O Brasil é um país de grande diversidade cultural, como diz Brayner.

Isso porque, na nossa história, vários grupos étnicos e sociais participaram da formação do país e ofereceram diferentes contribuições culturais: povos indígenas, portugueses, holandeses, italianos, africanos, árabes, japoneses, judeus, ciganos, entre outros. As culturas que essas pessoas trouxeram nos seus modos de ser, nas suas visões de mundo, nas suas memórias, foram transformadas no contato com outras culturas já aqui presentes e também causaram transformações nessas culturas. Dessa forma, participaram da formação da cultura brasileira, tão plural e ricamente diversa.(BRAYNER, 2012, p. 11)

Alguns costumes e hábitos, da comunidade de Murutinga também sofreu transformações, foi o que aconteceu com a cultura presente na história da Comunidade São Miguel de Murutinga. As ladainhas<sup>4</sup> eram muito frequentes na comunidade de Murutinga, eram realizadas na Igreja e nas casas das famílias que solicitavam, era motivo de risos para as crianças, pelo fato das orações serem cantadas. Assim como as ladainhas, os oratórios eram bem frequentes nas casas das famílias que tinham um lugarzinho especial para as imagens de devoção, onde faziam suas preces e orações.

As rezas de Santo Antônio eram bem animadas, com fogos, estalinhos, bombinhas, etc. O mingau de milho não podia faltar, assim como os banhos de cheiros e as adivinhações, as familiares se reuniam no arraial<sup>5</sup> da comunidade ou na casa das famílias. Primeiro era realizado um momento de oração e depois confraternizavam e se divertiam. Os concursos de hortas caseiras eram realizados no Centro de Formação Laranjal, na responsabilidade do Engenheiro Agrônomo Garibalde, Esse concurso reunia varias comunidades do campo, e entre elas, Murutinga tinha sua participação, levavam diversidades de hortaliças para concorrer com outras comunidades, e após as premiações se confraternizavam.

As trocas de alimentos como, farinha, galinha, pato, etc. era bem comum entre as familiares, de uma forma não monetária, para ajudar o amigo, familiar, vizinho, no sentido de

---

<sup>4</sup> Ladainhas – Um modelo de oração, que é realizada cantada, onde um grupo de homens ficam de frente para o altar da Igreja ou santuário, e de costa para a assembleia, cantam as orações e as mulheres respondem cantando.

<sup>5</sup> Arraial – Um espaço onde a comunidade se reuni para realizar festejos.

se colocar no lugar do outro e ver suas necessidades, era algo comum, mas atualmente não é o que vemos, devidos muitos fatores que contribuíram para a escassez, como: a diminuição do cultivo de hortaliças e a diminuição da criação de animais (frango, pato, peru, etc.), a falta de emprego, principalmente o enfraquecimento da Agricultura que é de onde se tira o alimento. Em relação a este tema Dal Soglio (2016, p. 13) aponta que “as múltiplas formas de gestão do ambiente, especialmente das plantas e dos animais, dos quais o homem extrai seu alimento, certamente estão ligadas a bem mais do que aos aspectos econômicos, pois, estabelecidas há muito tempo, estão intimamente associadas às culturas locais, à religiosidade, aos costumes e aos hábitos alimentares”. Os entrevistados afirmam sentirem-se tristes ao perceber que muitos elementos tradicionais foram modificados.

Hoje, o que mais prevalece são os cultos no domingo, novenas dia de terça-feira em honra a Nossa Senhora do Perpetuo Socorro, o dia da palavra na quinta-feira. Mas a mais conhecida desde a sua fundação é a festa de arraial, onde se festeja o dia do padroeiro, São Miguel Arcanjo, com uma semana de festividade, é realizado em setembro começando no segundo domingo. A semana de festa comunitária, começa com o círio, que sai em procissão desde a casa dos moradores, até a igreja.



Figura 4: Círio de São Miguel do Murutinga.  
Fonte: Pesquisa de campo, 2016.



Figura 5: Círio de São Miguel do Murutinga.  
Fonte: Pesquisa de campo, 2016.

Uma das primeiras festividades de arraial ocorreu no Murutinga, segundo o relato de padre Hilário Tapletti. Era um barraco de madeira, coberto com palha, onde eram feitos leilões surpresas, bingos, com intuito de arrecadar contribuições para a comunidade, como construção de um novo espaço para as festividades.

Qualquer atividade cultural tinha o seu valor, e que hoje se pode dizer que eram valores únicos que foram transformados pouco a pouco pela comunidade. É por isso que a memória se faz importante, porque é buscando, perguntando e questionando, que as

lembranças surgem, por meio da memória para reavivar os aspectos culturais um dia vividos por sujeitos construtores, organizadores, afetivos, da comunidade.

### 5.2.2 Valores Sociais

A Comunidade São Miguel de Murutinga deixou muitos exemplos de valores sociais, valores estes que construíram uma sociedade comunitária desde o seu caráter moral até as conquistas, advindas das lutas em prol da melhoria da comunidade. Esses valores foram construídos ao longo do tempo, a cada “caminho trilhado”, a cada “degrau subido”, a cada “não” encontrado, e cada “sim” conquistado, a cada “luta” participada e pela “memória resgatada”. Pois, só assim foi possível conhecer os valores sociais da comunidade São Miguel de Murutinga.

Valores estes que iniciaram desde a formação da comunidade, com a luta pela Educação, construção da Igreja Católica, conquista da imagem do Arcanjo São Miguel para ser padroeiro da Comunidade de Murutinga, construção do centro comunitário e reforma da Igreja. Assim como diz o Sr. Hilário Taplett (janeiro, 2015).

*E com o dinheiro das festas de arraial a gente melhorava a igreja. Uma vez fizemos um piso de lajotas, que primeiro era só cimento pintado. Por fora fizemos o centro comunitário, ampliamos ele, com bar, cozinha e foi uma vida muito intensa. Era um tempo de saudade da comunidade de base. Hoje já se fala menos, mas na teologia da libertação<sup>6</sup>, colocava a comunidade de base no coração, no centro.*

Mas para isso o padre Hilário contava com ajuda de todos na comunidade, dizia que “*para se conquistar algo tem que está unido*”. Este contribuiu decisivamente para com a Comunidade de Murutinga, deixou um grande exemplo de valor social. Padre Hilário era o pároco responsável pelas comunidades do campo, entre elas Murutinga, e contava com seu braço direito Manoel Sávio (Salvito). Salvito era responsável da Comunidade São Miguel de Murutinga, e ainda acompanhava o padre a outras comunidades vizinhas. Assim relata o sr. Hilário Taplett (janeiro 2015) “*Salvito era o meu braço direito,..., juntos construímos um poço comunitário, pois nessa época o povo só tinha água nos Igarapés, e com o poço, melhorou mais um pouco*”

Além do poço Comunitário também se conquistou a farmácia comunitária, eram coisas básicas, um armário, com remédios essenciais, em caso de febre, feridas. A responsável pela

---

<sup>6</sup> Teologia da Libertação nasce, portanto, da tentativa e do engajamento de partes dos setores eclesiais para territorializar a igreja, dando uma feição mais real e objetiva à missão dessa instituição no mundo. ( Mitidiero Junior, 2008, p. 4)

farmácia era a catequista senhora Maria José Rodrigues e o seu irmão Salvito, a farmácia colaborou muito.

Em 1978, padre Hilário juntamente com Salvito, estavam reunidos no Centro de Formação Laranjal, e disseram “*vamos fazer algo de concreto, não ficar só na pregação da palavra, vamos colocar a mão na terra, e vamos fazer o que?*”(Hilário Tapletti). E ai conversando juntos, descobriram que o jeito melhor era uma cooperativa, e ai nasceu a cooperativa, chamada APA – Associação dos Produtores de Abaetetuba, que era sobretudo para arroz, plantar colher, beneficiar arroz. Depois abrimos para pimenta, mais era fundamentalmente para arroz.

E a legalização da Cooperativa, o sr. Hilário Taplett.(janeiro, 2015) diz “*Eu e Salvito, fomos a Belém, atrás do governador Jader Barbalho, passamos a noite lá, no jardim da casa, para ser atendido no dia seguinte, ele nos deu a legalização da Cooperativa, foi publicado no diário oficial e se tornou uma coisa legal.*” E como não tinha energia, as maquinas funcionava a motor a óleo. Com a criação da cooperativa, gerou rendas as famílias, que puderam construir suas casas mais dignas.

Para conseguir a Energia Elétrica padre Hilário juntamente com Salvito, e o um Deputado da época, fizeram varias viagem na Celpa de Belém, para conseguir a energia elétrica, o padre diz que foi uma luta grande, mais conseguiram a aprovação da Celpa em 1984, “*com efeito a Celpa pega a linha que vai para Igarapé-Miri, e colocou só para a Comunidade de Murutinga uns portes para ligar a energia elétrica para Igreja, Usina, Escola, e para as famílias ali perto*” Padre Hilario Taplet (janeiro, 2015). Murutinga foi uma das primeiras comunidades do campo no Município de Abaetetuba conseguir a energia elétrica. E com a energia elétrica, as famílias puderam ter água encanada, pois foi colocado bomba e caixa d’água, e as famílias passaram a ter a água encanada, a usina de arroz deixou de usar o motor a óleo e passou a produzir mais.

Podemos refletir que os valores sociais, estão baseados nas lutas em prol da melhoria, comunitária, e das conquistas que essas lutas proporcionaram, inclusive a organização da Comunidade de São Miguel de Murutinga.

### **5.2.3 Valores Econômicos**

Na década de 60, a agricultura familiar era a o único meio de sustento dos camponeses da Comunidade São Miguel de Murutinga, além da caça e pesca. Mas a partir da década de 70, a agricultura passou a ser mais valorizada, com o incentivo aos agricultores, e a criação de

uma cooperativa, as famílias investiram mais na agricultura, produzindo um produto para geração de renda que era o arroz, assim como para consumo, cultivando em consórcio. Assim, teve um crescimento econômico de 1978 com a criação da cooperativa até 1985.

Os valores econômicos deram ilustre a Comunidade São Miguel de Murutinga, com a criação de uma cooperativa em 1978, assim diz o padre Hilário, que incentivou e apoio os camponeses na agricultura, sendo que os camponeses já cultivavam, mais ainda não se encontravam organizados em sua produção e na comercialização. E com a chegada do padre Hilário, em 1975, a agricultura ganha sua força. E como o padre tinha bastante influencia, conseguiu apoio financeiro fora do Brasil, e foi até Belo Horizonte/MG, e comprou uma maquina chamada Zacarias, que descascava o arroz em três especificidade, em grãos, quebradinho e farelo. E foi construído uma Usina na comunidade São Miguel de Murutinga especificamente para arroz. Sendo o Coordenador Geral o padre Hilário, e o presidente sr. Salvito, e muitos sócios, da várias comunidades entre eles o sr. Francisco e o sr. Dedé, citados pelo padre Hilário, ambos da comunidade de Colônia Nova.

Sendo que a usina beneficiava tanto a comunidade de Murutinga quanto as comunidades vizinhas, e o município de Abaetetuba como um todo, pois tinha a sede cooperativa, onde hoje é a farmácia das ilhas, ao lado do Hospital das irmãs - Centro Médico Nossa Senhora da Conceição, onde vendiam arroz bem baratinho para os ribeirinhos e toda a cidade. E com o lucro a cooperativa comprou dois caminhões, que também exportava, para outros municípios como Moju, Barcarena, Igarapé-Miri, etc.

[...] As múltiplas formas de gestão do ambiente, especialmente das plantas e dos animais, dos quais o homem extrai seu alimento, certamente estão ligadas a bem mais do que aos aspectos econômicos, pois, estabelecidas há muito tempo, estão intimamente associadas às culturas locais, à religiosidade, aos costumes e aos hábitos alimentares [...] (DAL SOGLIO. KUBO, 2016 , p. 13).

Portanto, a cooperativa movimentou a economia, até 1985, dando sua grande contribuição principalmente na Comunidade São Miguel de Murutinga. Mas, após a morte da liderança, e com a transferência do padre Hilário para a Itália, se desestrutura, o que demonstra que os envolvidos tinham intensa ligação com a liderança e não conseguiram levar adiante sem esta coordenação. As coisas foram se desorganizando, chegando ao fim. Pois os sócios tentaram levar pra frente, mas não tinham a mesma influencia que os demais. Como, diz o sr. Hilário Taplett (janeiro, 2015) “ *Quem se doa é diferente quem é pago, pois, Salvito amava o que fazia, se doava para o bem da comunidade, por isso tudo ficava mais fácil, mas os demais que ficaram na frente depois dele, não tinham o mesmo amor.* ” E assim chegou ao

fim, venderam o caminhão, venderam os maquinários, outros sumiram ninguém soube dizer, sendo que hoje no lugar da usina é localizado um balneário. O padre diz que o sr. Salvito não tivesse morrido, a cooperativa existia até hoje.

### 5.3. HISTÓRICO DE FUNDAÇÃO DA COMUNIDADE SÃO MIGUEL DE MURUTINGA

A comunidade São Miguel de Murutinga foi fundada na década de 1970, com a iniciativa de dois jovens irmãos: Manuel Sávio Magno Rodrigues (mas conhecido como “Salvito” / já falecido) (foto A) e Maria José Rodrigues (ainda vive) na foto B, juntamente com a ajuda do padre da época, chamado Zezinho Leoni, contaram ainda com a participação das famílias que já moravam na localidade e da colaboração dos padres Diego Arroyo e Silva, o qual ficou conhecido como padre animador, pois, foi ele quem construiu a primeira Igreja. padre Hilário Tapletti (foto C) que contribuiu decisivamente com os valores Culturais, Sociais e Econômicos.



Figura 6: A: Manuel Sávio; B: Maria José; C: Padre Hilário Tapletti.

Fonte: Arquivo pessoal dos entrevistados.

Antes de ser comunidade São Miguel de Murutinga, era apenas uma Localidade onde os moradores chamavam de Vila Marataura. Nessa Localidade já viviam sete famílias, cujos nomes são: Frederico Marques; Josino Marques; Brolino Marques; Virginia Marques, Cote Marques, Benedita Pantoja e Iderfonso Vasconcelos. Essas famílias viviam da caça, pesca, criação de aves, e da produção de farinha. Era apenas para a subsistência, não comercializavam.

Na década de 50 a localidade vai se povoando. Nessa mesma época chega a família do sr. Félix da Costa Rodrigues, camponês, casado com a sr.<sup>a</sup> Virginia Arcângela Magno Rodrigues, camponesa e parteira, com cinco filhos, entre eles Manoel Sávio Rodrigues; Maria José Rodrigues, fundadores da Comunidade São Miguel de Murutinga, e outros três irmãos, Raimundo Rodrigues, Jacy Rodrigues e Maria do Carmo Rodrigues. Essa família, foi praticamente expulsa de suas terras de uma localidade vizinha, chamada Vila da cachaça, que hoje é a Comunidade de Vila Bom Jesus, foram expulsos por um latifundiário, que se apropriou de suas terras. E foi assim que chegaram a Vila Maratauíra, que hoje é Comunidade São Miguel de Murutinga. E para se tornar Comunidade passou por uma organização.

Essa organização deu-se início em 1969 com a chegada do padre Zezinho Leoni, e com a participação ativa desses jovens irmãos que se empenhavam cada vez que o padre visitava a comunidade. Naquela época o padre rezava missa chamada desobriga. O objetivo dessas missas era levar a palavra de Deus, e formar sujeitos da localidade capazes de liderar e organizar sua própria localidade, transformando-a em Comunidade, de acordo com projeto de Deus. Mas, para isso precisava-se de pessoas da própria localidade que tivesse interesse de ser responsável pela formação da comunidade.

Nesse mesmo período, a família dos jovens, passava por dificuldades financeiras, motivo este que levou a jovem Maria José a trabalhar como empregada doméstica na casa de um médico em Belém. Lá ela teve oportunidade de estudar no colégio Salesiano no Instituto Dom Bosco, onde fez sua primeira comunhão (Eucaristia), e aprendeu como organizar uma comunidade.

Enquanto isso seu irmão, Salvito, continuou a dedicar-se em prol de sua localidade, ajudando o padre e aprendendo o que ele ensinava. E depois de um ano sua irmã retorna para a comunidade com muitos conhecimentos que aprendeu no colégio Salesiano, se tornando muito válido para a formação da comunidade. E juntos, Maria José e Salvito fizeram muitos cursos na Paróquia Nossa Senhora da Conceição em Abaetetuba, sendo um dos temas: como é ser catequista? Daí em diante por volta de 1970, Salvito tinha 17 anos de idade, já tinha o Espírito de liderança e Maria José, sua irmã, tinha 31 anos de idade já responsável pela pastoral da Catequese.

Porém, para que essa organização desse certo, precisava de uma Educação Escolar, ou seja, as crianças precisavam aprender a ler e escrever para se ter um desenvolvimento comunitário. Então, em 1970, o padre conseguiu professoras da cidade que tiravam alguns dias da semana para ensinar essas crianças na comunidade. O padre era o responsável de trazer e levar as professoras. As aulas eram realizadas no salão de festa dançante cedido pelo

proprietário Sr. Josino Marques. Não se tinha, algo registrado pela prefeitura, a igreja juntamente com a comunidade eram os responsáveis.

E nesse mesmo ano as crianças já sabiam um pouco a ler, e foram catequizadas pela Sr.<sup>a</sup> Maria José Rodrigues, que foi a primeira catequista na comunidade e fundadora da mesma juntamente com seu irmão Salvito e o jovem Nazarito, que era um jovem bem animador.

Enquanto isso, Salvito coordenador da Comunidade, juntamente com o padre Zezinho Leoni se organizavam para conseguir com a prefeitura a construção de uma sala de aula (foto 2) e a formalização das matrículas das crianças. Como as crianças já estudavam, isso colaborou, para que a prefeitura aprovasse. E em 1974, o Prefeito da época Sr. Hildo Carvalho, inaugura um espaço em alvenaria, com uma sala de aula que acomodasse os alunos, uma cozinha e um banheiro, e o pagamento da professora. Funcionava uma turma multisseriada na responsabilidade da professora Maria Madalena Lima dos Passos, que depois foi substituída pela sua irmã, a professora Benedita Lima Araújo.

Figura 7: Escola atual reforma em andamento, 2018 (no mesmo local que foi a primeira sala de aula).



Fonte: Pesquisa de Campo 2014.

E juntos se organizando, com o mesmo objetivo, iam pra luta, buscavam uma escola com salas de aulas, cozinha, banheiro, ou seja, uma escola completa, pois o que tinham era apenas uma sala de aula. Receberam muitos não, mas não se acomodaram, continuaram na luta. Foi que no ano de 1976, depois de muita luta, que a prefeitura de Abaetetuba na gestão do prefeito Doutor Ronald Reis Ferreira autorizou a construção da escola municipal, que hoje

se chama Escola municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental professor Maximiano Antonio Rodrigues.

Contudo, observa-se que a organização foi necessária para o avanço comunitário, se as pessoas não estivesse organizadas, capazes de ir à luta para fazer acontecer a fundação da comunidade de Murutinga, hoje não se teria uma comunidade e nem uma estrutura educacional, pois a educação foi um elemento principal, para o avanço comunitário.

### **5.3.1 Conquista da Imagem de São Miguel Arcanjo**

Antes da formação das Comunidades eclesiais de bases (CEB'S)<sup>7</sup>, as famílias tinham oratórios em suas residências com diversas imagens de santos, onde faziam suas orações, promessas e ascendiam velas as imagens de santos, com aquela crença de que os santos atendessem suas preces, isso era comum nas localidades, hoje essa cultura foi se modificando, inclusive na Comunidade São Miguel de Murutinga. As pessoas da Comunidade já não tem a imagem como o centro de adoração e sim Jesus como o único senhor e salvador. Algumas pessoas continuam fazendo suas venerações, pedindo que os santos devotos interceda ao senhor Jesus Cristo por alguma causa.

Assim como era comum os oratórios, também era comum as festas dançantes nas localidades, onde as imagens tinham uma representação concreta da crença de um indivíduo. Essas festas eram realizadas com fins lucrativos particular, ou seja, o dono de uma determinada imagem que fizesse a festa dançante, era o beneficiado com o lucro, e assim aconteciam as festas dançantes nas localidades. Essas festas eram realizadas nas casas dos proprietários das imagens, por volta de 50 à 70. Essas casas eram de madeira com salas grandes. E eram nessas salas que eram realizadas as festas dançantes, onde o proprietário da imagem de santo convidava as pessoas da localidade, para festejar.

Nesses festejam não eram realizados nem um tipo de orações. O objetivo principal era fazer festa para adquirir recursos próprios, onde vendiam comidas e bebidas. E o dinheiro pertencia ao proprietário da imagem, ou seja, a imagem de santo era um meio de ganhar dinheiro.

E como toda comunidade católica tem que adotar um santo para ser padroeiro. Com a fundação da Comunidade São Miguel de Murutinga, resolveram adotar a imagem de São

---

<sup>7</sup> As Comunidades eclesiais de base (CEB'S) são pequenos grupos organizados em torno da paróquia (urbana) ou da capela(rural), por iniciativa de leigos, padres ou bispos.(disponível em [www. dhnet. Org> militantes>Frei Betto,p.5](http://www.dhnet.org/militantes/FreiBetto.p.5))

Miguel, que era uma das imagens das festas dançantes realizadas na década de 60 na localidade, com objetivo de manter a cultura local.



Figura 8: Imagem de São Miguel – Padroeiro do Murutinga.  
Fonte: Pesquisa de Campo, 2016.

Mas o que a igreja não sabia era que ia ser difícil conquistar essa imagem, pois, o dono da imagem não queria ceder. Porque ainda não entendia o que era uma Comunidade, e achava que estavam querendo enganá-lo para ficarem com os lucros das festas. Certo que o lucro não seria mas seu, pois as festas iriam continuar, porém diferente da qual estavam acostumados, e os lucros não seriam o particular, e sim comunitário, destinado as obras da igreja.

A Igreja poderia até escolher outra imagem, mas para permanecer a cultura e por São Miguel ser um anjo de Deus, que lutou a favor de Deus e que representava força, coragem, confiança, humildade, lealdade, ser guerreiro e não tem medo da luta, ou seja, representava muita inspiração para essa comunidade que estava se formando. No principio, o dono da imagem não quis acordo nenhum com a igreja, e foi proibido de usar a imagem para fazer festa dançante e adquirir recursos próprios. O proprietário da imagem resolveu continuar as festas em outra localidade, e em uma dessas festas aconteceu uma tragédia, onde muitos ficaram feridos. Após o ocorrido, conversas com a igreja, e do proprietário analisar como um castigo de Deus, resolveu doar a imagem e conquistou-se o padroeiro da comunidade de Murutinga.

E o mesmo foi agraciado com a primeira missa em sua residência, deixando de fazer as festas dançantes para viver em comunidade, abriu as portas de sua casa em beneficio da comunidade. A imagem de São Miguel deixou de ser utilizada em festas dançantes, passando a ser utilizado em festa comunitária. Assim o Arcanjo São Miguel passou a ser o padroeiro da

comunidade de Murutinga. E tudo isso se deu para a melhoria da comunidade, como um todo, pois o dinheiro da festa comunitária é destinado as obras da igreja.

As festas Comunitárias eram realizadas com rezas nas residências, procissões, missas na Igreja, vendas de comidas típicas, bingos e leilões. As comunidades vizinhas são convidadas. Onde todos festejam em harmonia, é uma festa pacífica e religiosa. E com o dinheiro é destinados as obras da igreja, como: reformas (Igreja e centro comunitário), construções (salas de catequese, e outros), manutenção do prédio da Igreja (energia), ajuda as famílias carentes, e outros. O centro comunitário foi uma das obras realizadas com o dinheiro das festas comunitárias.



Figura 9: Centro comunitário da Comunidade De Murutinga.  
Fonte: Pesquisa de Campo, 2014.

É importante relatar que durante a pesquisa conseguimos compreender que algumas das transformações que ocorreram em relação as práticas dos comunitários estão ligadas as mudanças nos aspectos religiosos corridas nos últimos anos na comunidade do Murutinga. No momento a igreja católica passa por desafios em relação à presença de novas congregações religiosas, causando mudanças, passa-se de um ideal coletivo, onde todos participavam das ações realizadas em prol da comunidade para o individual, onde as pessoas que são de igrejas diferentes não costumam realizar atividades juntas causando uma divisão e afastamento entre os comunitários.

### **5.3.2 A origem do nome Murutinga**

Na época, apesar da localidade ser conhecida pelo nome de vila Maratauíra, segundo o relato dos entrevistados, diz que, o nome Murutinga se originou com a chegada de um índio

na Comunidade, que morou um determinado tempo, cujas características eram de um homem forte e bravo, o mesmo se chamava Murutinga.

As pessoas adotaram a personalidade do índio como uma solução para as crianças não saírem de casa, chorar ou fazer alguma travessura. Quando isso acontecia, as famílias falavam que iam levar a criança para o Murutinga e elas ficavam com medo. Até que um dia ele foi embora e ninguém soube mais dele. Mas, o seu nome ficou conhecido. E assim, se tornou o nome Comunidade São Miguel de Murutinga. Sendo que, em alguns registros como nos mapas via satélite, não se encontra a denominação de Murutinga e sim Vila Maratauirá.

### **5.3.3 A construção da primeira Igreja**

Em 28 de Julho de 1972 os jovens juntamente com o padre Zezinho deram início ao planejamento da construção de uma igreja (foto 4). Foi quando os jovens fizeram entrevistas com o bispo Dom Ângelo, que os autorizou aptos a celebrar cultos dominicais e a conduzir a Comunidade, desde que continuassem se capacitando e fazendo cursos para contribuírem com sua Comunidade. Desde então a comunidade foi se desenvolvendo com muito esforço e dedicação.

Por volta de 1973 o padre Zezinho foi transferido e chegou à comunidade outro padre chamado Diego Arroyo e Silva, de origem espanhola, o qual construiu a primeira igreja que havia sido planejada pelo padre Zezinho em 1972. O prédio da Igreja foi construída, com muito esforço das famílias da comunidade, a partir de bingos, doações, e assim como o poio do Padre Diego. Então, assim como o padre Zezinho, o padre Diego Arroyo e Silva também deu sua contribuição. Ele era conhecido como um padre animador! Que transmitia alegria espontânea, animava as famílias para participarem dos cultos dominicais e anunciar a palavra de Deus.

Depois dele veio o padre Hilário Taplett em 1975, de origem Italiana. Este por sua vez teve uma vivência de dez anos na Comunidade e contribuiu decisivamente para com esta. Ele ficou conhecido como um padre trabalhador, construtor dos projetos de Deus. Sendo que, em 1978 ele fez a primeira reforma da igreja São Miguel e ampliação do Centro Comunitário.



Figura 10: Reforma da primeira igreja construída na comunidade de São Miguel de Murutinga.

Fonte: Arquivo pessoal da fundadora Sr. Maria José, 1978.

#### 5.3.4 Breve biografia de Salvito

Manuel Savio Rodrigues, era mais conhecido como Salvito, nasceu no dia 26 de janeiro de 1953, brasileiro, abagetubense, filho casula do Camponês sr.º Félix Rodrigues e da parteira camponesa Sr.ª Virginia Arcângela Rodrigues. Nasceu na Vila da cachaça que hoje é Vila Bom Jesus, morou lá até os seus 02 anos, e depois sua família foi praticamente expulsa de suas terras, por um grande latifundiário da época, e foram morar na Vila Maratauirá, que hoje é Comunidade São Miguel de Murutinga. Tinha quatro irmãos, e todos trabalhavam na agricultura.

Salvito era um jovem trabalhador, e muito esforçado e desde adolescente já tinha um espírito de liderança, respeitava as pessoas, e era respeitado. Seu caráter era admirável, e tudo que fazia era com sabedoria. Era católico e temente a Deus, e detestava as coisas erradas. Aos 16 anos, fez curso de formação na paróquia Nossa Senhora da Conceição, onde foi ungido pelo bispo D. Ângelo Frosi, aptos a realizar cultos, e ser coordenador da Comunidade São Miguel de Murutinga. A primeira luta em prol de sua comunidade, foi pela Educação, e em 1970 aos 17 anos de idade foi considerado fundador da Comunidade São Miguel de Murutinga, pelo empenho, dedicação, força de vontade e lutas.

Ele foi coordenador da comunidade, presidente de uma cooperativa de arroz. Junto com o padre Hilário percorria outras comunidades, ofertando seu apoio. Lutou por uma escola no campo, lutou pela terra, lutou pela energia. Construiu uma família, casou teve cinco filhos e aos 31 anos de idade veio a falecer, o filho casula tinha dois anos de idade quando o pai

morreu. Faleceu no dia 23 de outubro de 1984. Deixou para a família, Comunidade e amigos, uma grande herança. O exemplo de vida, um grande pai, um excelente esposo, amigo e um grande líder. Deixou muitas saudades e lembranças, e a partir dessa memória é possível reavivar a história. E poder tirar exemplos de vida.

#### 5.4 APRESENTAÇÃO DO HISTÓRICO DA COMUNIDADE SÃO MIGUEL DE MURUTINGA NA ESCOLA DO CAMPO PROFESSORA BENEDITA LIMA ARAÚJO E A CAMINHADA HISTORICA

A escola do campo recebeu o nome de uma das primeiras professoras “*Benedita Lima Araújo (in memoria)*” que contribuiu com a educação no início de formação da Comunidade São Miguel de Murutinga. E achou importante escolher a escola do campo para apresentar o histórico da comunidade e aproveitou-se a parceria com a XXV FEICIMA – 25ª Feira de Ciências do Município de Abaetetuba.

Todo ano a FEICIMA – Feira de Ciências do Município de Abaetetuba, realiza a feira de Ciências Municipal de Abaetetuba - PA, e em parceria com a Escola Benedita Lima Araújo, organizou em 2017, a feira de Ciências, na Comunidade São Miguel de Murutinga, onde os alunos apresentam os seus projetos de pesquisas, e também são realizados oficinas, palestras, caminhadas e premiações dos melhores trabalhos. Desde o ano de 2014, o Clube de Ciência realiza essa nova metodologia, a feira de Ciência itinerante, que é levar a feira municipal até as comunidades rurais e ribeirinhas, e em 2017, a Comunidade São Miguel de Murutinga foi escolhida.

A Feira Municipal aconteceu nos dias 18 a 22 de setembro de 2017, na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio do Campo Professora Benedita Lima Araújo, que recebeu várias escolas municipais e estaduais, do Município de Abaetetuba e Igarapé-Miri. Onde os alunos apresentaram os trabalhos em pôster. Vários alunos da escola Benedita Lima Araújo, apresentaram ótimos trabalhos. Os alunos da escola municipal da Comunidade de Murutinga, escola Maximiano Antonio Rodrigues, bem como a comunidade em geral, visitaram os estandes, onde estavam os trabalhos. Assim como as escolas estaduais e municipais presentes.

E como, o objetivo na FEICIMA era apresentar o resgate histórico da Comunidade São Miguel de Murutinga, aos estudantes e comunidades em geral. Afim, de que através da memória histórica, conhecerem sua própria identidade para não esquecerem suas raízes, principalmente não abandonar os campos onde vivem e sempre lutar pela melhoria de sua

comunidade seguindo os exemplos de luta encontrados na memória, e valorizar a Educação que foi a base para a formação comunitária.

Sendo que no encerramento da Feira de Ciências tive o privilégio de palestrar sobre a memória histórica da comunidade, onde foi relatado o processo de formação comunitário, as lutas, a Educação, o fortalecimento da Agricultura Familiar com a criação da cooperativa de arroz, e o reconhecimento das raízes históricas da comunidade, onde finalizo com um vídeo da entrevista realizada com o padre Hilário. E em seguida, foi realizada uma caminhada nos principais pontos históricos que recorda a memória de formação comunitária e nos pontos de reconstrução da história, no caso da agricultura familiar.

Começou pelas propriedades dos agricultores, conhecendo os projetos desenvolvidos pelo grupo AGRIFAS – que significa Agricultores Familiares Salvito, o nome é em homenagem ao fundador da comunidade São Miguel de Murutinga sr. “Salvito (*in memoria*)” que era responsável pela comunidade, assim diz o Sr. T (janeiro, 2015), “*Salvito era responsável por toda vida da comunidade*”. Ele, porem, além de ser responsável pela comunidade amava a agricultura, e era presidente de uma cooperativa de arroz na comunidade que beneficiava as comunidades e vários municípios.

O grupo AGRIFAS foi criado com o esforço da aluna da educação do Campo, Dielly Ribeiro, com objetivo de reconstruir a Agricultura Familiar na Comunidade. Onde foi visitado o viveiro de mudas plantado pelo grupo AGRIFAS, as propriedades dos agricultores, uma árvore centenária, e o local onde um dia foi a USINA de arroz, criado pela cooperativa APA (Associação dos Produtores de Abaetetuba), e também foi visitada a igreja São Miguel, a escola Maximiano Antônio Rodrigues e o Centro Comunitário Salvito. O nome do centro comunitário foi dado pelo padre Hilário em 1985, em homenagem à memória de Salvito que foi um grande líder. Na época ele mandou fazer um placa com luzes, com o nome “Centro Comunitário Salvito”, essa placa não existe mais, desde uma reforma no centro comunitário, e sumiu. Mais o nome permanece gravado nos corações.

A história apresentada reflete-se no valor cultural, como símbolo de lutas e conquistas adquiridas pelos indivíduos da comunidade. Estes por sua vez trazem consigo várias experiências comunitárias e religiosas; o trabalho da agricultura, a identidade cultural das famílias. A memória da Comunidade traz histórias, dificuldades enfrentadas, os sonhos construídos e que ainda estão em construção, nos permitindo conhecer parte das culturas familiares e comunitária, suas formas econômicas e educacionais, buscando esses valores e atribuindo como exemplo de vida na sociedade e de um processo formativo.

Contudo, o resgate histórico da Comunidade São Miguel de Murutinga, só veio afirmar que valeu a pena conhecer e repassar essa memória na Comunidade. Isso significa que o objetivo desse trabalho foi cumprido. E a educação mais uma vez provando que é o melhor caminho para se receber e construir conhecimentos.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir do momento que se passa a conhecer a história de um determinado lugar principalmente do qual vivemos, passamos também a nos constituir como sujeitos transformadores e capazes de lutar pela nossa identidade. E é dessa forma que também se espera dessa geração, a valorização e o respeito pelas suas raízes, pelas lutas do passado que constituíram o presente, afim, de que possamos ter perspectivas de um futuro melhor.

E para se ter um futuro melhor, é preciso conhecer e analisar o passado o presente, e assim projetar um futuro, e depois ir pra luta e conquistar. Mas se o sujeito não conhece a sua própria identidade, fica mais difícil obter as conquistas. E a educação do campo é indispensável, para o ser humano obter conhecimento, pois, teve uma grande contribuição para a realização da pesquisa histórica, incentivando os alunos a partir da pesquisa, a conhecer a comunidade em que vivem, e assim passam a ter um olhar crítico e contribuir decisivamente para a construção da própria identidade e de ações que beneficiem seu local de morada.

Acredita-se que cada pessoa que mantém uma ligação afetiva com sua própria história, aquela que a constituiu; essa, porém mantém um olhar crítico para a realidade, procurando ajudar por meio de lutas, e prol de direitos para todos aqueles que desta fazem parte.

Portanto, a revelação do histórico da comunidade São Miguel de Murutinga, é um passo para despertar na geração de hoje, a ligação afetiva com sua própria identidade, e lutar por ela. E assim, é valorizar o lugar onde vivem, preservando a terra, as florestas e nascentes, a agricultura familiar, cultivar em equilíbrio para manter a natureza sempre viva, para que todos os comunitários tenham o alimento na mesa. E assim se cumpre um papel de sujeitos transformadores, capazes de lutar em prol do que se acredita.

## 7. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria da Conceição Xavier de. *Memorial*. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Educação. Natal, 2010. 71p. (digitado, inédito).

BARBOSA, Fabiane Machado. Comunidades eclesiais de base na história social da Igreja. Vitória, UFES, 2007.

BIKLEN, Sari Knopp; BOGDAN, Robert C. *Investição qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Portugal: Porto, 1994.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: Lembranças dos velhos*. \_ 3 ed. \_ São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRAYNER. Patrimônio cultural imaterial: para saber mais/intitudo do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; texto e revisão de, Natalia Guerra Brayner – 3.ed. – Brasília, DF: Iphan, 2012.

CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. São Paulo: Cortez, 1995.

COSTA, Ricardo. História e memória: a importância da preservação e da recordação do passado. In: SINAIS - Revista Eletrônica - Ciências Sociais. Vitória: CCHN, UFES, Edição n.02, v.1, Outubro. 2007. pp.02-15.

CROCI, Benedetto. *Toda história é história contemporânea*, 1953.

CYRULNIK, Boris. *Autobiografia de um espantalho – histórias de resiliência: o retorno à vida*. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

DAL SOGLIO, F.; KUBO, R. R. Desenvolvimento, agricultura e sustentabilidade. coordenado pela SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016. 206 p.  
Desenvolvimento, agricultura e sustentabilidade / organizadores Fábio Dal Soglio e Rumi Regina Kubo ; coordenado pela SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.

FAGUNDES, José Evangelista. *A História Local e seu lugar na História: Histórias ensinadas em Ceará-Mirim*. Natal: RN, 2006.

FERREIRA, Marieta de Moraes. *História, tempo presente e história oral*. Topoio, p. 314-332, RJ, 2002

FRANCO, Maria Laura Publisi Barbosa. **Análise de conteúdos**. Brasília, 4ª edição: Liber Livro, 2012.

FREI, Betto. O que é Comunidade Eclesial de Base. Disponível: <  
<http://dhnet.org.br>militantes>freibetto>> acesso: 22/11/2018.

LE GOFF, Jacques, 1924. *História e memória* / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

- LE GOFF, Jacques. História e Memória. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992.
- MACHADO, Jorge M. **Terras da Abaetetuba**. Câmara Municipal de Abaetetuba. 1986.
- MARTINS, José de Souza. *A militarização da questão agrária no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- MOREIRA, R. M.; CARMO, M. S. Agroecologia na construção do desenvolvimento rural sustentável. **Agric.** v. 51, n. 2, p. 37-56, jul./dez. 2004.
- MITITIERO JUNIOR, Marco Antonio. A ação territorial de uma igreja radical: teologia da libertação, luta pela terra e atuação da comissão pastoral da terra no Estado da Paraíba./São Paulo: USP, 2008.
- PEREIRA, Airton dos Reis. A luta pela terra no sul e sudeste do Pará: migrações, conflitos e violência no campo. Recife – CE, 2013.
- PEREIRA, Airton Reis. A igreja católica, o sindicato dos trabalhadores rurais e os estado: mediação e conflito na região Araguaia Paraense. *Ruris/ volume 2, n 2, setembro/ 2008*.
- PETERSON, Debora. Etnobiologia dos botos (*Tursiops truncatus*) e a pesca cooperativa em Laguna, Santa Catarina. Florianópolis, 2005.
- POLETTO, Ivo; CANUTO, Antônio. *Nas pegadas do povo da terra: 25 anos da Comissão Pastoral da Terra*. São Paulo: Loyola, 2002.
- REIS, Adebaro. A. dos. Desenvolvimento Sustentável e Uso dos Recursos Naturais em Áreas de Várzea do Território do Baixo Tocantins da Amazônia Paraense: limites, desafios e possibilidades. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará- UFPA, 2015, f. 271.
- SANTOS, R. E. Dos. & FAGUNDES, M. Por uma educação do campo.
- SELAU, Mauricio da Silva. **História Oral: uma metodologia para o trabalho com fontes orais** REVISTA ESBOÇOS Nº 11 – UFSC. Educação do Campo: identidade em construção, 2 ed. 2011.
- SELAU, Mauricio. Historia Oral: Uma metodologia para o trabalho com fontes orais. **Revista Esboços**, Florianópolis - SC, 2004. Disponível: <<http://periodicos.ufsc.br>> acesso: 03/11/2018.
- SILVA, K. V & SILVA, M. H. In: Dicionário de Conceitos Históricos – Ed. Contexto – São Paulo; 2006.
- SILVEIRA, Éder da Silva. **História oral e memória**: pensando um perfil de historiador etnográfico. Métis: história & cultura – v. 6, n. 12, p. 35-44, jul./ dez. 2007.
- WANDERLEY, Maria Nazaré. B. O. Raízes Históricas do campesinato brasileiro. **Anais do XX Encontro Anual da ANPOCS**. GT 17: Processos sociais agrários. Caxambu, MG, Outubro de 1996.

## **ANEXOS**

## ANEXO 1: QUESTIONÁRIO

**Questionário:** As perguntas dos questionários foram surgindo aleatoriamente, de acordo com os relatos dos entrevistados, ou seja, o questionário abaixo, abrange a pesquisa realizada com os sete informantes.

<b>QUESTIONÁRIO</b>	
• Como Surgiu a Comunidade?	• Quais as culturas naquele tempo?
• Por que o nome Murutinga?	• Quais os aspectos Sociais daquele tempo?
• Por que escolheram como padroeiro o São Miguel Arcanjo?	• Quais os aspectos Econômicos?
• Como foi a sua convivência na Comunidade São Miguel de Murutinga?	• Quem foi Salvito?
• Como era organizada as festas de arraial na comunidade?	• Porque não existe mais a cooperativa?
• Qual sua participação nos aspectos, cultural e Social?	• Como conseguiram a farmácia comunitária?
• Qual era a principal renda econômica na comunidade?	• Como conseguiram a água comunitária?
• Quando foi criada a primeira Associação Comunitária?	• Como conseguiram a energia elétrica?
• O que foi a Cooperativa APA e quem era os beneficiados?	• O que aconteceu com o terreno e o prédio da cooperativa?
• Qual a sua participação na Cooperativa APA?	• O senhor como sócio da cooperativa, fez alguma coisa para a cooperativa continuar?
• A comunidade que você pertence era beneficiada?	• O que aconteceu com os equipamentos da cooperativa?
• O senhor(a) sempre viveu na comunidade?	• O senhor(a) conheceu a Cooperativa APA?
• Qual era o principal meio de produção?	• Quais os benefícios que a cooperativa trouxe para a sua

	família e para a comunidade em geral?
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Os produtos eram comercializados?</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O senhor (a) valoriza a agricultura?</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• A senhora sempre morou na Comunidade?</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Qual a importância da Comunidade?</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Fale um pouco da luta pela terra?</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O que é ser catequista?</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Quais as dificuldades encontradas para fundar a comunidade?</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Quando foi construída a primeira Igreja?</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Como surgiu a primeira escola na comunidade?</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Quem foi a primeira professora?</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• A educação é importante para a comunidade?</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Porque deram o nome da escola Maximiano Antônio Rodrigues?</li> </ul>

Fonte: Pesquisa de Campo 2014 à 2018.

## ANEXO 2: FOTOS



Figura 1: Unidade Básica da Saúde-Murutinga.  
Fonte: Pesquisa de campo, 2017.



Figura 2: Escola Estadual do Campo- Prof.ª Benedita Lima Araújo/ Murutinga  
Fonte: Pesquisa de campo, 2016.



Figura 3: FEICIMA, na Escola do Campo-Murutinga.  
Fonte: Pesquisa de campo, 2017.



Figura 4: Apresentação de trabalhos de alunos na FEICIMA./Escola do Campo-Murutinga.  
Fonte: Pesquisa de campo, 2017.



Figura 6: Visita com a caminhada histórica no viveiro de mudas, do grupo AGRIFAS – Murutinga.  
Fonte: Pesquisa de campo, 2017.